Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 7 de Agosto de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.826

Mumuzinho celebra Arlindo Cruz em single
PÁGINA 3

Rithy Pahn, o todo poderoso do júri de Locarno
PÁGINA 5

Ted Chiang afirma que IA não é capaz de fazer arte
PÁGINA 7

2º CADERNO

Alê Catan/Divulgação

Ficções que nos movem

Vera Holtz apresenta monólogo baseado em 'Sapiens' no Polo Educacional Sesc e no Teatro Adolpho Bloch

A veterana Vera Holtz, aos 71 anos, traz ao palco do Polo Educacional Sesc, em Jacarepaguá, uma reflexão sobre as narrativas que moldaram a civilização humana. O espetáculo "Ficções", com direção de Rodrigo Portella, parte do bestseller "Sapiens: Uma Breve História da Humanidade", do historiador israelense Yuval Noah Harari, para questionar como conceitos abstratos como dinheiro, religião e nações se tornaram pilares da sociedade moderna. A partir desta sexta (8), o espetáculo inicia temporada no Teatro Adolpho Bloch, na Glória.

A montagem explora a capacidade única do Homo sapiens de criar e acreditar em realidades imaginárias que permitem a cooperação em massa. Harari, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, tornou-se fenômeno editorial mundial ao demonstrar como essas "ficções compartilhadas" diferenciaram nossa espécie de outros primatas.

Portella, diretor com três décadas de carreira e múltiplos prêmios, conduz Vera Holtz em um mergulho nas ideias do autor israelense, transformando conceitos antropológicos complexos em experiência teatral acessível. A atriz, que completou 71 anos justamente no dia da apresentação, também participará da Aula Magna da Escola Sesc de Artes Dramáticas, compartilhando sua vasta experiência em teatro, TV e cinema.

Continua na página seguinte

Uma experiência teatral que **dialoga com o livro**

Divulgação

Vera Holtz e o músico Federico Puppi constróem um envolvimento musical durante a encenação

O fenômeno editorial que vendeu mais de 23 milhões de exemplares pelo mundo encontrou sua versão cênica. "Sapiens – uma breve história da humanidade", do historiador israelense Yuval Noah Harari, inspirou o espetáculo "Ficções". A montagem de Rodrigo Portella encenada por Vera Holtz não se propõe a adaptar literalmente o ensaio publicado em 2014, mas estabelece um diálogo criativo com suas premissas centrais sobre a capacidade humana de criar narrativas coletivas.

A obra de Harari defende que nossa espécie se distingue das demais pela habilidade de inventar ficções compartilhadas – desde conceitos como nação e religião até sistemas políticos e econômicos. Paradoxalmente, apesar de todo nosso poder civilizatório, não nos tornamos mais felizes que nossos ancestrais. Essa reflexão provocativa encontrou eco no teatro através da iniciativa do produtor Felipe Heráclito Lima, que adquiriu os direitos de adaptação em 2019.

"É um livro que permite uma centena de reflexões a partir do momento em que nos pensamos como espécie e que, obviamente, dialoga com todo mundo. Acho que esse é o principal mérito da obra dele", analisa Lima sobre a escolha do material. A inevitável analogia entre as teses de Harari e a própria natureza teatral – ambas criadoras de mundos ficcionais – seduziu o encenador Rodrigo Portella, que desenvolveu uma dramaturgia original inspirada no ensaio.

Longe de uma transposição direta, Portella optou por uma estrutura fragmentada que espelha a complexidade das questões levantadas pelo autor. "Ao começar a ler, entendi que não era isso. Era preciso construir uma dramaturgia original a partir das premissas do Harari que seriam interessantes para o espetáculo. Em nenhum momento, no entanto, a gente quer dar conta do livro na peça. Na verdade, é um diálogo que a gente está estabelecendo com a obra", enfatiza o diretor.

A opção estética privilegia a participação ativa do público na construção de sentidos. "Eu queria fazer uma peça que fosse espatifada, não é aquela montagem que é uma história, que pega na mão do espectador e o leva no caminho da fábula. Quis ir por um caminho onde o espectador é convidado, provocado a construir essa peça com a gente. É uma espécie de jam session. É uma performance em construção", descreve Portella sobre a concepção dramatúrgica.

O processo criativo contou com a interlocução de Bianca Ramoneda, Milla Fernandez e Miwa Yanagizawa, que acompanharam o desenvolvimento sem assinar a autoria. "Mesmo sem colaborar diretamente no texto, elas foram acompanhando, balizando a minha criação, foram conversas que me ajudaram a alinhar a direção, o caminho que daria para o espetáculo", revela o diretor.

Em cena, Vera Holtz transita entre múltiplas personas – personagens do livro, criações originais e a própria atriz em sua dimensão real. A veterana intérprete canta, improvisa, dialoga diretamente com as ideias de Harari e provoca a plateia em constante interação com o músico Federico Puppi, responsável pela trilha sonora original e pela presença musical ao vivo. "Eu gosto muito desse recorte que o Rodrigo fez, de poder criar e descriar, de trabalhar com o imaginário da plateia", destaca a atriz.

A proposta exige dela uma versatilidade interpretativa que vai além da representação tradicional. "O desafio é essa ciranda de personagens, que vai provocando, atiçando o espectador. Não se pode cristalizar, tem que estar o tempo todo oxigenada", completa Vera sobre a natureza fluida de sua performance. Portella confirma a intenção de proximidade: "É um espetáculo íntimo, quem for lá vai se conectar com a Vera, ela está muito próxima, tem uma relação muito direta com o espectador".

A montagem materializa no palco a própria reflexão central do livro de Harari sobre nossa relação com as ficções que criamos. Ao explicitar constantemente sua condição de representação teatral, "Ficções" questiona não apenas as narrativas civilizatórias que nos organizam como sociedade, mas também os mecanismos pelos quais construímos sentido através da arte.

SERVIÇO

FICÇÕES

Polo Educacional Sesc (Av. Ayrton Senna, 5677 - Jacarepaguá)
7/8, às 19h
Entrada gratuita, com ingressos distribuídos uma hora antes da apresentação
Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)
De 8 a 24/8, às sextas e sábados (20h) e Domingos (18h)
Ingressos a partir de R$ 50 e R$ 25 (meia)

Por **Affonso Nunes**

Luz e farol dos **novos sambistas**

Mumuzinho homenageia o mestre Arlindo Cruz em novo single

Mumuzinho acaba de disponibilizar nas plataformas digitais "Arlindo Luz", uma declaração musical de amor e reverência ao compositor e cantor Arlindo Cruz. O single, que também ganhou videoclipe, é mais um capítulo da relação artística entre os dois sambistas, construída ao longo de mais de uma década de convivência e admiração mútua entre mestre e discípulo.

A amizade entre eles floresceu nos estúdios do programa "Esquenta", da TV Globo, onde ambos eram presenças constantes. Foi naquele ambiente que o jovem cantor teve a oportunidade de observar de perto o mestre em ação, absorvendo suas técnicas vocais e sua forma única de interpretar e tocar banjo. "A importância do Arlindo para mim vai de encontro ao meu amor pelo samba. Desde moleque, eu comecei ouvindo as músicas dele, que sempre me emocionaram por conta das suas melodias e letras marcantes", revela Mumuzinho.

A parceria entre eles já havia se materializado em 2013, quando gravaram juntos o samba "Caozeiro", de André Renato, para um disco ao vivo de Mumuzinho. Agora, com "Arlindo Luz", o cantor encontrou uma forma de retribuir artisticamente tudo o que aprendeu com o compositor. "Faz muito tempo que eu queria registrar uma homenagem para o Arlindo, mas somente agora consegui gravar essa canção", explica o intérprete, que convidou os compositores Prateado e Picolé para criar a música especialmente para esta homenagem. Ambos mantêm vínculos profissionais e pessoais com Arlindo.

Reprodução/Youybe

Arlindo Cruz e Mumuzinho cantando a música 'Caozeiro' na gravação do álbum 'Mumuzinho ao Vivo'

O resultado é um samba que dialoga diretamente com o universo musical do homenageado, autor de clássicos como "O Show Tem Que Continuar", "Saudade Louca", "Meu Lugar" e "Bagaço da Laranja", entre outros.

A recepção da homenagem pela família Cruz foi calorosa. Arlindinho, filho do compositor, expressou sua emoção: "É uma música muito bonita e feita por pessoas que têm pertencimento para fazer. Música do Prateado e do Picolé, parceiros do meu pai de música e de vida, e interpretada pelo Mumuzinho, um cara que sempre conviveu, desde a época do 'Esquenta'. Meu pai é uma inspiração para todo o samba, para toda a música brasileira", destaca.

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Nordestinidade

A cantora pernambucana Laís Senna se apresenta no Espaço BNDES nesta quinta (7), às 19h, com entrada gratuita. Ganhadora do Prêmio da Música Pernambucana 2025 pelo single "Mininu", a artista multidisciplinar apresenta o show "Nordeste Vermelho Coração", que mescla música, poesia, dança e teatro. O espetáculo entrelaça frevo, forró, coco e ciranda, expressando a visão de mundo da compositora, atriz e bailarina que vem se destacando na riquíssima cena cultural pernambucana.

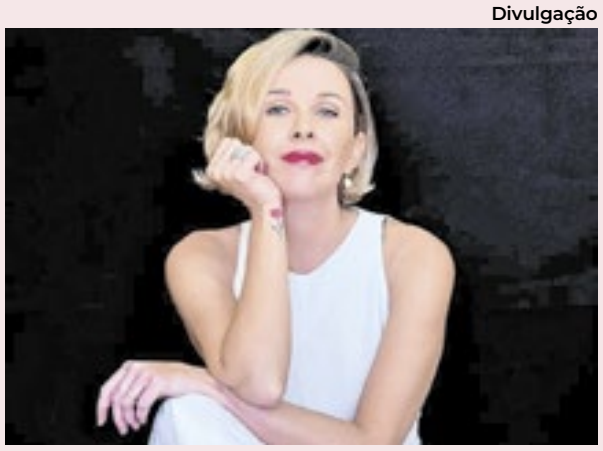
Duda Portella/Divulgação

Divulgação

Herança musical

Daniela Soledade, neta do compositor Paulo Soledade - parceiro de Vinicius de Moraes -, se apresenta no Blue Note Rio nesta quinta (7), às 20h. A cantora carioca, radicada na Flórida com carreira internacional consolidada, faz apenas sua segunda apresentação no Brasil. Será acompanhada pelo violonista americano Nate Najar, discípulo de Charlie Byrd, e pelo contrabaixista Paulinho Soledade, seu pai e ex-aluno de Baden Powell. Uma oportunidade rara de ver ao vivo a artista que conquistou crítica e público nos EUA e Europa com jazz e bossa nova.

Divulgação



Bossa à italiana

Italiana de alma carioca, a cantora Francesca Lo Cicero apresenta nesta quinta-feira (7), às 20h30, o show "Bossa" no Little Club, Beco das Garrafas. Radicada no Rio há 15 anos, a intérprete será acompanhada pelos músicos Breno Hirata nos sopros e Marlon Mouzer no violão de 7 cordas. O repertório traz clássicos da Bossa Nova em uma seleção refinada que recria o clima descontraído e sofisticado do movimento musical numa apresentação que promete reviver a atmosfera do icônico local, cenário marcante da história da música brasileira.

ENTREVISTA / MARCO ALTBERG, DIRETOR, PRODUTOR E SÓCIO-FUNDADORDO CANAL LIKE

'A sala de cinema **é a tela nobre'**

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Rodrigo Fonseca

É sempre importante ouvir o que Marco Altberg tem a sugerir, não apenas nas dicas de filmes e séries que ele transmite em seu canal, o Like, mas também nas reflexões que faz acerca da luta política do cinema brasileiro em relação a hegemonias estrangeiras e a falta de regras no trato com as plataformas internacionais de streaming.

Como seu trabalho como produtor é intenso, por vezes as pessoas esquecem que o tanto de lúcido – e de poético – que ele tem a agregar, em suas palestras e ações, estende-se ainda a seus exercícios autorais como realizador. "Prova de Fogo" (1980), "Aventuras de um Paraíba" (1982) e "Fonte da Saudade" (1986) são pérolas ali da década de 1980 com foco nas alianças possíveis que nosso povo faz para resistir. Alianças com o Divino, com os ditames financeiros e com a solidão. Ele as filma com graça.

No fim de julho, com o compromisso de esquadrinhar o modelo de sustentação da produção de filmes num papo no festival Bonito Cine Sur, Altberg levou para o evento – numa seleção feita sob a curadoria da pesquisadora Elis Regina – um documentário que dirigiu com Tainá De Luccas: "Kopenawa, Sonhar a Terra-Floresta". Ancestralidades variadas mobilizam o longa-metragem, que nos lembra da artesania delicada em seu olhar na hora de gritar "Ação!" e "Corta!". O papo a seguir funde o executivo de TV, o diretor e o produtor que ele é num amalgama inquieto.

Depois de exibir um documentário sobre Davi Kopenawa Yanomami em festivais, como você avalia o lugar das salas de exibição na economia do audiovisual?

Marco Altberg: A sala ainda é a tela nobre, aquela que legitima estéticas. Apesar dos baques no circuito, pela invasão estrangeira e pela ausência de regulação dos streamings, o cinema se mantém, como pode. A voracidade das novas mídias é perversa. Cresceu com a pandemia. No Brasil, contudo, nosso problema maior é a ausência de política industrial.

Apesar dessa carência, seu novo filme, dirigido com Tainá De Luccas, tem alcançado janelas – e elogios – com seu olhar sobre as lutas indígenas. Que aprendizado veio de Kopenawa?

Com ele, a gente aprende a fazer arte ligada à Natureza, na qual ele é o narrador de si mesmo. A gente conhece vários mitos da Europa, mas desconhece a realidade dos povos originários. Queria levar às telas, com a Tainá, um filme que fizesse as pessoas saírem da sala informadas e entretidas.

Você tem uma carreira prolífica como produtor, mas nunca arredou pé da direção. De que maneira a aposta em dirigir amplia e refina seu conhecimento na produção?

Marco Altberg: Filmes deveriam sempre ser o resultado da fricção criativa entre cineastas e produtores. Minha origem profissional é na direção. Em 1971, moleque ainda, eu dirigi um curta chamado "Pra Início De Conversa" para o extinto Festival JB. Fui assistente do Cacá Diegues, do Paulo Cezar Saraceni, do Joaquim Pedro de Andrade, do Geraldo Sarno. A condição econômica do cinema brasileiro impôs a diretores como eles – todos artistas incríveis – a serem produtores também. Copiamos, de certa forma, o modelo francês em que o diretor assume o papel de produzir também. Como eu sou diretor, ao produzir, acrescento a esse trabalho aquilo que o set me ensina. Para ser produtor no Brasil, é preciso sangue-frio.

Qual é a filosofia de um canal com o Like?

É indicar, 24 horas por dia, o que você pode assistir de bacana, no cinema, nas plataformas, na TV. Como diz a nossa chamada: "A gente recomenda e você curte". Mesmo se você considerar o cabo como uma mídia em queda, hoje, no mundo, o Like tem uma audiência importante hoje na Claro e direciona o público para muitas descobertas, com uma equipe de que eu me orgulho muito. Ele nasceu como decorrência do programa "Revista do Cinema Brasileiro", em que eu somei quase dez mil horas de memórias da produção nacional. Foram mil programas, que começaram nos anos 1990, com a Retomada, e foram descontinuados na Era Temer.

Que novos projetos estão a caminho?

Estou dirigindo um documentário sobre o cantor Ivan Lins e vou produzir um longa sobre o Zeca Pagodinho, de ficção, com o Silvio Guindane na direção.quinta

Locarno Film Festival

A imagem que fica

Cronista audiovisual do massacre no Camboja dos anos 1970, o diretor Rithy Pahn preside o júri do 78° Festival de Locarno, que inaugura nesta quinta sua seleção competitiva

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação

Rithy Pahn terá como missão avaliar os 18 filmes da competição oficial do Festival

Com a tarefa de assistir e julgar os 18 longas-metragens das partes mais variadas do mundo - entre os quais a produção Romênia/Brasil "Drácula", de Radu Jude – da competição oficial do 78° Festival de Locarno, o cineasta cambojano Rithy Pahn preside o júri do evento suíço guiado por uma inquietude:

"Há muita informação hoje nas telas, mas pouca contemplação, algo que se estabelece quando a dimensão crítica do cinema se faz presente, no questionamento da intolerância".

Essa foi a resposta dele ao Correio da Manhã, na Berlinale de 2022, ao ganhar o Prêmio de Contribuição Artística por "Tudo Vai Dar Certo", exibido aqui no festival É Tudo Verdade. Trata-se de um ensaio com uma porção fabular, na qual animais escravizaram os seres humanos e conquistaram o mundo. A partir dessa premissa fantásticas, Panh perseguia sua trilha de diretor autor habitual ao falar de um de seus fetiches: o apagamento da memória. A destruição de monumentos históricos está sempre em seu radar. O assunto rendeu-lhe uma indicação ao Oscar por "A Imagem Que Falta", com o qual ganhou o Prêmio Un Certain Regard de Cannes em 2013. Essa apreensão vai navegar pelos títulos escalados para Locarno, como o esperado "With Hasan in Gaza", de Kamal Aljafari. Para analisa-los e escolher qual receberá o Leopardo de Ouro de 2025, Rithy conta com um time de respeito: a produtora americana Joslyn Barnes; as atrizes Ursina Lardi (suíça) e Renée Soutendijk (holandesa); e o diretor mexicano Carlos Reygadas.

Em janeiro, Rithy mobilizou o circuito brasileiro com "Encontro com o Ditador" ("Rendez-vous Avec Pol Pot"), hoje na grade do streaming Amazon Prime. Ali se encontra uma parte sangrenta do passado de seu país.

"O Mal e a Esperança se alternam nesta narrativa a fim de devolver a imagens do passado uma dimensão poética", disse o realizador de 61 anos.

Inspirada no livro "When the War Was Over: Cambodia and the Khmer Rouge Revolution", de Elizabeth Becker, o longa-metragem acompanha o empenho de um grupo de jornalistas franceses para conduzir uma entrevista exclusiva com o líder Pol Pot (1925-1998). Tudo parece tranquilo, mas o regime político dele está em declínio e a guerra contra o Vietnã ameaça o país de uma invasão. Procurando culpados, o governo comete secretamente um genocídio. Com ele, o ideal de harmonia buscado por Pot é destruída perante os olhos do time de repórteres, revelando o horror. O trio que trabalha em prol da notícia é vivido por Irène Jacob, Cyril Gueï e Grégoire Colin.

"Meus filmes buscam criar, a partir do som, um desenho sensorial que potencialize registros de dor", disse Rithy, quando exibiu "Encontro com o Ditador" pela primeira vez, em maio, em Cannes, em 2024, fora da disputa pela Palma de Ouro.

Ele também foi um sobrevivente dos massacres perpetrados pelo Khmer Vermelho, que contabilizou quase 2 milhões de mortos em uma população de 7 milhões de pessoas. Com a ajuda da Cruz Vermelha, o cineasta chegou à França em 1979, com quinze anos, sonhando aprender uma nova língua e um novo ofício. No colégio, realizou um pequeno filme cômico em super-8, que impressionou seus professores. Descobriu ali vocação que o levaria a se graduar no IDHEC (Instituto dos Altos Estudos Cinematográficos, Paris).

"Quando eu cheguei na França, vim do Camboja cheio de histórias para contar, mas não havia interlocução. Quem quereria ouvir um estrangeiro falar de estratégias de sobrevivência? Foi nesse momento que, a partir do cinema de Godard, Alain Resnais e de Souleymane Cissé, eu encontrei um modo de expressão a partir de filmes que reagem indo na margem oposta ao imediatismo do cinema comercial".

Nesta quinta, Locarno se mobiliza em torno de mais um show de atuação de Willem Dafoe, que passa pela telona da Piazza Grande, em sessão hors-concours, com "The Birthday Party", de Miguel Ángel Jiménez. Sua trama se passa no final da década de 1970, em algum lugar do Mediterrâneo, onde Marcos Timoleon (Dafoe), um magnata parecido com Aristóteles Onassis, está dando uma festa de aniversário extravagante para sua filha Sofia (sua única herdeira), numa ilha particular exclusiva. A celebração é a desculpa perfeita para várias pessoas se aproximarem dele.

A programação do festival se estende até o dia 16. O encerramento fica por conta da nova versão (agora musical) de "O Beijo da Mulher Aranha", o livro de Manuel Puig (1932-1990), que inspirou um dos maiores êxitos do diretor Hector Babenco (1946-2016), em 1985. Jennifer Lopez encarna o papel que foi de Sonia Braga. O longa, dirigido por Bill Condon, tem Diego Luna e Tonatiuh nos papéis que foram de Raúl Julia (1940-1994) e William Hurt (1950-2022), que ganhou o Oscar pela versão de Babenco, interpretando o decorador Molina.

Se nós fôssemos vocês

‘Uma Sexta-Feira Mais Louca Ainda’ chega aos cinemas para resgatar os anos 2000

Por **Pedro Sobreiro**

Glen Wilson/ Disney

A sequência do longa traz a filha de Anna (Lindsay Lohan) em problemas com a meia-irmã

Lançado em 2003, “Sexta-Feira Muito Louca” é um daqueles filmes geracionais que não saem da cabeça de quem cresceu na época. Remake de “Se Eu Fosse a Minha Mãe”, da década de 1970, a versão dos anos 2000 conseguiu sintetizar bem o que era ser jovem naquela época, além de ter virado um ícone da moda street para muitos jovens pelo mundo.

A trama era bem simples: Tess (Jamie Lee Curtis) e Anna (Lindsay Lohan) são mãe e filha que não se suportam. Tess é uma terapeuta que está se preparando para o segundo casamento, enquanto Anna é uma adolescente rebelde que é apaixonada pelo bonitão da escola e tenta emplacar sua banda de garagem, o Pink Slip. Durante os ensaios do casamento, porém, elas comem um biscoito da sorte que faz com que a dupla troque de corpo.

Agora, com uma no corpo da outra, elas vão tentar destrocar antes que chegue a hora do casório. Mas, para isso, elas vão precisar aprender como é viver a vida da outra e entender o motivo que alimenta suas brigas incessantes.

Era a receita pronta para o sucesso. Jamie Lee Curtis não estava numa fase de alta na carreira, mas já era o ícone pop do terror por sua atuação em “Halloween”. Por outro lado, Lindsay Lohan era a grande estrela juvenil da época. A combinação da dupla transbordou química, criando um longa relativamente barato - para os padrões de Hollywood - que rendeu uma excelente bilheteria e conquistou o coração dos fãs, sendo constantemente lembrado nas sessões de reprise.

Agora, 22 anos depois, a sequência vê a luz do dia com um lançamento que aposta na nostalgia para cativar os fãs do primeiro, mas não é só isso: a química do elenco é tão boa quanto a da primeira aventura, sabendo trazer bem as questões da juventude atual para brincar com os problemas da geração millennial, que agora assume o papel de “velho do rolé”.

“Uma Sexta-Feira Mais Louca Ainda” só aconteceu por insistência de Jamie Lee Curtis, que encontrou com Bob Iger, CEO da Disney, e disse que sempre sonhou com uma sequência do filme, mas aguardava o momento em que Lindsay tivesse idade para convencer no papel de mãe nas telonas.

Foi nesse momento que Iger caiu na risada e disse: “a Lindsay tem 35 anos”. Diante do choque com a passagem do tempo, Jamie ligou para a atriz e perguntou se ela toparia fazer o filme... E o resto é história.

Essa dinâmica entre as duas segue como o coração do filme, que chega aos cinemas nesta quinta-feira (7). Só que a dupla agora é acompanhada de uma nova equipe: as filhas de Anna (Lohan).

Na trama, Anna encontra o amor de sua vida após sua filha, Harper (Julia Butters) arrumar briga na escola com Lily (Sophia Hammons), uma esnobe aluna de intercâmbio que veio do Reino Unido e virou ícone de popularidade dentre os alunos.

O irônico da situação é que Anna acaba se apaixonando perdidamente pelo pai de Lily, fazendo com que as duas inimigas do colégio passem a ser irmãs.

Agora, o cenário da confusão se inverte, já que é Anna que se prepara para o segundo casamento, enquanto as filhas seguem se odiando e brigando o dia inteiro. Mais do que isso, Tess está de volta ao jogo como uma avó sem noção que tenta criar as filhas pela mãe, o que acaba criando novos atritos entre elas.

Então, o destino age novamente para que elas troquem de corpo. Só que, dessa vez, Anna troca de corpo com a Harper, enquanto Tess troca de lugar com a Lily, e aí que começa a diversão.

Ambientado em Los Angeles, o filme involuntariamente acabou se tornando um grande memorial para a cidade, que viria a ser consumida pelas chamas pouquíssimo tempo após o fim das gravações. Então, muitas locações usadas no filme simplesmente não existem mais, fazendo com que as cenas do longa sejam seus últimos registros.

E esse é um daqueles casos em que a cidade atua como personagem da trama. Harper é conectada com L.A., sua vida praiana é parte importante de quem ela é e do conflito que tem com a mãe. Da mesma forma, Anna é uma produtora musical de sucesso e ex-rockstar. Ela conseguir andar nas ruas com tranquilidade é algo que tipicamente só aconteceria em Los Angeles ou Nova York, então foi um acerto tremendo não gravar essa comédia em estúdio, mas sim aproveitando ao máximo a cidade.

Mas o grande destaque mesmo segue com Lindsay Lohan e Jamie Lee Curtis. Mais de 20 anos se passaram e a dupla continua transbordando carisma. Sendo que agora as duas interpretam adultas vivendo em corpos adolescentes. E isso é ridiculamente divertido, não só por criar uma conexão com o público-alvo do longa, que também envelheceu e sente falta dos melhores dias nos anos 2000, mas também porque explora o delicioso timing cômico das atrizes.

O elenco adolescente também é muito bom. Julia Butters principalmente. Ela consegue incorporar todos os trejeitos da Lindsay Lohan, chega a ser assustador.

Por fim, “Uma Sexta-Feira Mais Louca Ainda” é um filme que entende o apoio que tem na nostalgia, mas não se limita a isso. A trilha sonora, que foi tão importante no primeiro longa, volta afiadíssima, trazendo os sucessos anteriores e apostando nos *hits teen* atuais, principalmente na fenomenal Chappell Roan. E o próprio longa percebe que por mais que mudem as gerações, há certas coisas nas relações entre mães e filhas que só mudam a roupagem, porque seguem iguais. É um resgate dos anos 2000, enquanto celebra os anos 2020. É sensacional!

Divulgação

Ted Chiang: 'Escrever é uma forma de entender o que estou pensando, e não quero usar uma ferramenta digital para fazer isso por mim'

'Usar ChatGPT é ser cúmplice de um crime'

Por **Thiago Ney** (Folhapress)

Ted Chiang escreveu pouco, mas o suficiente para ser muito celebrado dentro da literatura de ficção científica. Ganhou alguns dos principais prêmios do gênero, como o Hugo, o Nebula e o Locus, além do PEN/Malamud por seus contos. As apenas duas coletâneas de narrativas curtas publicadas por este filho de chineses-taiwaneses que migraram para os Estados Unidos foram editadas no Brasil pela Intrínseca - "Expiração", a mais recente, e "História da sua Vida e Outros Contos", cujo conto principal deu origem ao filme "A Chegada", de 2016, em que uma linguista vivida por Amy Adams tenta se comunicar com alienígenas.

Linguagem, consciência, livre-arbítrio, memória, identidade, passagem do tempo e o impacto social das tecnologias estão entre os temas discutidos por Chiang e o fizeram ser comparado a nomes como Philip K. Dick, Jorge Luis Borges, Ursula K. Le Guin e Margaret Atwood. "Assim como esses predecessores tão ecléticos, Chiang explora os clichês convencionais da ficção científica de maneiras altamente não convencionais", escreveu Joyce Carol Oates em uma resenha de "Expiração" para a New Yorker.

A revista americana adora abrir suas páginas para Chiang. Foi nela, em agosto do ano passado, que ele publicou o ensaio "Por que a IA não vai fazer arte". O texto argumenta que a produção de uma obra artística passa necessariamente pelo esforço e pela intenção do artista e que, por isso, as inteligências artificiais não são capazes de criar algo que possa ser chamado de arte. As ideias sobre as IAs trouxeram Chiang ao Brasil. Nesta terça-feira (5), ele ministrou em São Paulo a palestra "Como a IA Transforma Linguagem e Storytelling".

Em entrevista num hotel da cidade, bem-humorado, Chiang afirma que não usa IAs para escrever. "Por dois motivos. O primeiro é que, bem, às vezes me descrevo como um 'vegano de LLM' [sigla em inglês para grandes modelos de linguagem]. Não uso LLMs, como o ChatGPT, por princípio, devido ao enorme custo ambiental, da exploração da mão de obra e porque esses modelos são construídos com base no roubo de propriedade intelectual", diz. "Usar o ChatGPT me faria sentir cúmplice de um crime, da mesma forma que os muitos veganos se sentem ao comer carne."

"Mas, se, hipoteticamente, houvesse um LLM eficiente energeticamente, socialmente ético a ponto de os trabalhadores serem bem tratados e se esses LLMs fossem treinados apenas com trabalhos em domínio público, ainda assim eu não usaria. Escrever é uma forma de entender o que estou pensando, e não quero usar uma ferramenta digital para fazer isso por mim. Não vejo como ela poderia me ajudar, porque se quero entender os meus pensamentos, preciso descobrir o que estou pensando."

O primeiro ponto é moral. O

Ted Chiang, celebrado autor de sci-fi, reforça tese de que a IA é incapaz de fazer arte

segundo, uma particularidade de Chiang. Será que as IAs não poderiam fazer bem um trabalho artístico ou criativo?

"O que se procura em uma obra? Você está procurando algo pelo qual alguém pagaria? Não sei se essas obras ficarão boas o suficiente para que as pessoas paguem por elas. O mais provável é que os interessados em IA generativa busquem algo não para o qual as pessoas paguem, mas algo onde possam colocar publicidade. Ninguém vai pagar para ouvir essa música, mas posso pôr comerciais ali. Então, se é isso o que querem, então aí, sim, a IA pode ajudar."

Mas, para Chiang, uma obra de arte demanda uma conexão que as máquinas não conseguem proporcionar. "Algumas pessoas diriam que a pintura é uma forma de os humanos se conectarem. Música é uma forma de conexão. Ficção literária é uma forma de conexão. A IA não pode fazer esse trabalho, porque não há conexão. Então depende do que achamos que é o propósito de filmes, pinturas, música ou literatura".

No léxico artístico de Chiang, esforço e intenção são duas palavras indissociáveis à produção de qualquer um que se proponha a fazer arte - o que, para ele, distancia as máquinas desse tipo de trabalho.

As IAs não têm, segundo Chiang, o poder de criar uma obra de arte, mas não devem ser descartadas da infraestrutura da produção cultural. Para o autor, o cinema é uma área que pode ser bem amiga das máquinas.

"Fazer filmes é caro e trabalhoso. Para alguém entrar dentro do negócio do cinema, tem de encarar muitas barreiras. Se você tem uma ideia para um filme, provavelmente precisará de muito dinheiro para criá-lo. O impacto das IAs será maior em um meio como o cinema, porque é onde as barreiras são mais altas."

Para Chiang, a ficção científica, tão afeita a antecipar como as tecnologias vão impactar a vida humana, costuma nos enganar quando o assunto é inteligência artificial. "Ela retrata a IA como uma espécie de mente com objetivos e desejos próprios, geralmente opostos aos humanos. Esse é um grande clichê. Mas a IA que temos no mundo real não é nada disso. Na verdade, é tão diferente que é quase impreciso usar a expressão 'inteligência artificial'", afirma.

"Não temos nada parecido com HAL 9000, de '2001 - Uma Odisseia no Espaço'. Acho que as empresas que vendem produtos de IA querem criar essa associação. Querem que você pense que elas têm um produto sofisticado desse jeito. Mas o que elas realmente oferecem não é nada disso."

Fotos/Divulgação

Cores da **Cordilheira**

O título da mostra homenageia Pachamama, entidade sagrada das culturas andinas que simboliza a Mãe Terra e a proteção à natureza

Fátima Vollú revela em exposição a experiência de sobrevoar a cadeia de montanhas andinas

A experiência de contemplar a Cordilheira dos Andes do alto transformou-se em linguagem pictórica pelas mãos da artista plástica Fátima Vollú. na exposição "Pachamama: Entre Cores e Texturas", em cartaz na Fábrica Bhering, cada aquarela nasce do diálogo entre o olhar aéreo e a introspecção.

As obras capturam detalhes que escapariam ao observador apressado: veios d'água esculpindo montanhas, manchas que testemunham a passagem do tempo, flores delicadas brotando entre pedras como símbolos da persistência da vida. Nas trilhas, pedras empilhadas revelam a presença humana, quase insignificante diante da monumentalidade natural.

A artista encontrou inspiração nas montanhas coloridas do Cerro Hornocal, em Humahuaca, nos barrancos da Chapada Diamantina e nas formações de argila da Praia da Gamboa, em Morro de São Paulo. Esses cenários se revelam em camadas geológicas, testemunhas de transformações milenares que as pedras guardam como memórias compartilhadas entre os seres.

O título da mostra homenageia Pachamama, entidade sagrada das culturas andinas que simboliza a Mãe Terra e a proteção à natureza. A divindade inspira rituais de gratidão pela fertilidade terrestre e consciência ambiental. "De certa forma, sinto-me conectada a ela, ao observar formas e cores de montanhas formadas há mais de 65 milhões de anos, um presente para admirarmos, respeitarmos e conservarmos", comenta Fátima.

A reverência à Pachamama é tão profunda nas regiões de Salta e Jujuy, na Argentina, que seu nome aparece em placas indicativas pedindo conservação de montanhas e trilhas. Essa conexão espiritual com a paisagem permeia as aquarelas, convidando o espectador a atribuir novos significados a cada mancha, montanha e elemento natural retratado.

SERVIÇO

PACHAMAMA: ENTRE CORES E TEXTURAS

Ateliê Pluralistas (Fábrica Bhering - Rua Orestes, 28, 2º andar, Santo Cristo) | Até 16/8, quartas e quintas (14h às 18h) e sábados (10h às 19h)
Entrada franca